

## 4. O discernimento da vontade de Deus à luz das moções

Depois de uma abordagem ampla e geral dos EE, feita sob o prisma do discernimento, trataremos agora de analisar o jogo das moções ou movimentos interiores em função de sã e boa eleição.

Da peculiar capacidade de Inácio de observar e recolher, a partir da sua experiência, aquilo que pudesse ser útil às pessoas surgem os Exercícios Espirituais, e mais particularmente, sobre as eleições, o padre Gonçalves Câmara diz no Relato que Inácio “as havia tirado da diversidade de espíritos e dos pensamentos que tinha conhecido quando estava em Loyola, enquanto sua perna ainda estava enferma” (Autob. 99). Portanto, é falsa a imagem caricatural dum Inácio intelectualista e voluntarista, já que ele tem consciência do papel capital da afetividade. Pois confia ao sentimento a função reguladora da sã decisão, portanto, da liberdade.

### 4.1. As moções espirituais: noção e interpretação

Desde o início de sua caminhada espiritual, o jovem Inácio experimentou e percebeu algo novo em sua alma, era uma espécie de luta interior, pela contrariedade e diversidade dos pensamentos e sentimentos. Apesar da novidade, ele, no começo, não se preocupava tanto em interpretá-la. Um dia, porém, seus olhos

se abriram um pouco, e [ele] começou a maravilhar-se dessa diversidade e a refletir sobre ela. Então, *por experiência*, aprendeu que uns pensamentos o deixavam triste e outros, alegre. Assim, *pouco a pouco*, chegou a conhecer a diversidade dos espíritos que o moviam: um do demônio e outro de Deus (Autob. 8)<sup>181</sup>.

Na linguagem inaciana, essa diversidade de espíritos, esse jogo de sentimentos é denominado moções<sup>182</sup> e interpretá-las é fundamental para uma boa eleição. Ou seja, para perceber onde está Deus e onde não está é preciso

---

<sup>181</sup> Grifo nosso.

<sup>182</sup> As moções são próprias do processo espiritual e se espera que surjam durante o tempo dos Exercícios Espirituais: “Quando quem dá os Exercícios sente que não vêm a quem se exercita algumas moções espirituais, tais como consolações ou desolações, nem é agitado por vários espíritos, interrogue-o muito sobre os *Exercícios*: se os faz nos tempos marcados e como” (EE 6). Algumas vezes, caberá ao orientador despertar a consciência do exercitante à existência das moções e sua interpretação.

considerá-las para, a partir daí, tomar decisões. Essa análise pode dar-se tanto no interior do retiro inaciano (segundo modo de eleição) quanto na vida cotidiana, como veremos mais adiante.

Segundo García de Castro, o termo “moções” não é muito comum entre escritores espirituais de língua castelhana. Esse traço nos ajuda perceber que o vocábulo é tipicamente inaciano. Além do mais, não é difícil encontrar em seus escritos o reflexo do gosto e interesse de Inácio por esta expressão, principalmente no *Diário Espiritual*<sup>183</sup>.

Esse interesse e sua visão a respeito das moções nos sugere, assim, uma espiritualidade encarnada, que se perpetra com e na história; quer dizer, uma espiritualidade que leva em conta o ser humano por inteiro, inclusive, seus sentimentos e desejos. A intuição do Peregrino encontra embasamento na realidade humano-estrutural de abertura a energias exteriores: “pressuponho que há em mim três *pensamentos*. A saber: o meu próprio, que provém simplesmente de minha liberdade e querer; e outros dois, que vêm de fora: um proveniente do bom espírito e outro do mau” (EE 32)<sup>184</sup>. Em outro lugar dos *Exercícios* Inácio fala a mesma coisa utilizando outros termos: “várias *agitações e pensamentos* que os diversos espíritos lhe trazem” (EE 17)<sup>185</sup>. Assim, depreendemos que as moções consistem principalmente em *pensamentos*<sup>186</sup>, considerando que, para Inácio, pensamento “é um termo com um espectro semântico mais amplo que o estritamente racional que consiste na elaboração de ideias; inclui a imaginação, a fantasia ou os conteúdos atualizados da memória”<sup>187</sup>.

Por trás desse modo particular de compreender a variedade do mundo interior, existe uma experiência; a experiência de um jovem de grandes ideais, marcadamente iniciada em Loyola, no castelo de Pamplona. Foi nesse lugar que Inácio teve contato com livros espirituais nunca antes lidos por ele; percebeu que dessas leituras piedosas resultavam diversos pensamentos e fantasias causando-lhe movimentos interiores, as *moções*. O mesmo ocorria quando considerava “coisas mundanas” (cf. Autob. 5-9). Assim, pouco a pouco, *sua experiência* lhe

<sup>183</sup> Cf. GARCÍA DE CASTRO, José. Moción. In: GARCÍA DE CASTRO, José (Dir.). *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007. p. 1265.

<sup>184</sup> Grifo nosso. Cf. EE 313.

<sup>185</sup> Grifo nosso.

<sup>186</sup> Cf. Autob. 7.8.10.14.17.20.24.28; EE 33-36.332-334.347.

<sup>187</sup> GARCÍA DE CASTRO, J., op. cit., p. 1265. Tradução nossa. Cf. Autob. 7.

proporcionava uma consciência mais apurada das coisas espirituais. Depois de saber que existem (diversidade das moções); de tomar consciência (os efeitos contrários que causam na alma: alegria ou tristeza); Inácio intuiu que umas moções vinham de Deus e outras do demônio (formulação).

A pedagogia inaciana das moções fala de um processo interno (cf. EE 333). Quer dizer, um pensamento originador orientado para um fim. Em outras palavras, um processo que se origina em um pensamento. Afetado por algum pensamento o sujeito, sob uma implicação, experimenta uma consolação ou uma desolação, que traz consigo o “despertar do desejo que em Inácio começa a ser central a partir de *Autob.* 10<sup>188</sup>. O desejo se estrutura em propósitos e este, por fim, em determinações”<sup>189</sup>.

É, então, que Inácio começa a interpretar seu mundo interno a partir da chave hermenêutica: consolação-desolação, ou seja, a partir dos efeitos contrários que as moções causam na alma (alegria ou tristeza). Assim, “esta dualidade se converteu para ele em critério para a busca da vontade de Deus”<sup>190</sup>, ou seja, em critério de discernimento.

#### **4.1.1. Consolação e desolação espiritual**

Inácio teve diversas experiências de consolação e desolação<sup>191</sup>, que, de alguma forma, lhe soaram como convite para “aprofundar na qualidade das moções e, portanto, em suas causas: pode se experimentar uma consolação aparente, não orientada verdadeiramente ao Reino e pode se dar também uma desolação motivada pela pedagogia divina para fazer-nos crescer no Espírito”<sup>192</sup>.

---

<sup>188</sup> “Já se ia esquecendo dos pensamentos do passado, pela força dos santos desejos que experimentava, quando uma visita do céu o confirmou. Uma noite, estava acordado quando viu claramente uma imagem de Nossa Senhora com o santo Menino Jesus. Recebeu desta vista, que durou um tempo notável, uma consolação extrema e ficou com tanto asco de sua vida passada, especialmente dos pecados da carne, que lhe parecia terem tirado da alma todas as imagens que antes tinha nela pintadas. Assim, desde essa hora até agosto de 1553, data em que este texto foi escrito, nunca mais teve o menor interesse por essas coisas carnis. Por esse efeito se pode julgar ter sido uma graça de Deus, embora ele não ousasse determiná-lo, nem fazer mais que afirmar o relatado. Porém, tanto seu irmão como todas as pessoas da casa foram conhecendo a mudança que se operava no íntimo dele” (*Autob.* 10).

<sup>189</sup> GARCÍA DE CASTRO, J. Moción. p. 1267. Tradução nossa. Cf. *Autob.* 11.16.17.19.45.46.

<sup>190</sup> *Ibid.*, p. 1266. Tradução nossa.

<sup>191</sup> Cf. *Autob.* 11.14.18-24.30.33.44-45.48.96 etc.

<sup>192</sup> GARCÍA DE CASTRO, J. Moción. p. 1266. Tradução nossa. Cf. EE 320.322.

Assim, a consolação e a desolação não devem ser vinculadas de maneira acrítica ao bom ou ao mau espírito.

Deste modo, na medida em que se davam suas experiências (de consolação e de desolação), o discernimento de Inácio crescia. Analisar a origem e o curso da moção é fundamental para conhecer “a orientação da liberdade, a decisão e uma maneira concreta de ir historizando o desejo que [...] [dela] brota”<sup>193</sup>.

Nos EE, Santo Inácio descreve a consolação e a desolação espiritual<sup>194</sup>, os dois grandes grupos em que estão englobadas de forma geral as moções espirituais. A primeira se caracteriza pela expansão no amor de Deus; o exercitante também cresce na fé e na esperança. A pessoa ama todas as coisas “no Criador de todas elas” (EE 316). Algumas manifestações emocionais-sensitivas podem acompanhá-la quando, por exemplo, a pessoa “derrama lágrimas”<sup>195</sup>, motivadas pelo amor do seu Senhor, ou pela dor dos seus pecados, ou pela Paixão de Cristo nosso Senhor, ou por outras coisas diretamente ordenadas a seu serviço e louvor” (EE 316). Finalmente, experimenta alegria interna<sup>196</sup> e paz profunda “em seu Criador e Senhor” (EE 316). Santo Inácio dá uma importância capital à consolação espiritual, tanto que fez dela o eixo hermenêutico do seu sistema de discernimento<sup>197</sup>. Já na desolação, a pessoa experimenta “escuridão interna, perturbação, moção para coisas baixas e terrenas, inquietude, com diversas agitações e tentações, movendo à desconfiança, sem esperança, sem amor, achando-se a pessoa toda preguiçosa, tibia...” (EE 317). Na desolação a pessoa parece estar separada do seu Criador e Senhor. O uso que Santo Inácio faz do termo sugere “uma experiência própria das pessoas que vivem a espiritualidade do discernimento; que aparece sempre depois de haver conhecido a consolação; e que

<sup>193</sup> Ibid., p. 1267. Tradução nossa.

<sup>194</sup> Para um estudo mais aprofundado da *consolação espiritual*, cf. CORELLA, Jesús. *Consolación*. In: GARCÍA DE CASTRO, José (Dir.). *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007. pp. 444-456. Para *desolação espiritual*, cf. GUILLEN, T. *Desolación*. In: GARCÍA DE CASTRO, José (Dir.). *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007. pp. 615-619.

<sup>195</sup> As lágrimas da experiência espiritual não devem ser confundidas com embriaguez ou sentimentalismo. Elas “se caracterizam pela emoção crescente, mas serena, totalizadora e cheia de paz estável”. CORELLA, Jesús. *Consolación*. In: GARCÍA DE CASTRO, José (Dir.). *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007. p. 447. Tradução nossa. Cf. ainda *Autob.* 28.

<sup>196</sup> Cf. Lc 1, 46-55, o Magnificat.

<sup>197</sup> Cf. GONZÁLEZ-QUEVEDO, Luís. *Discernimento espiritual: As Regras inicianas*. São Paulo: Loyola, 2013. p. 30 e GARCÍA DE CASTRO, J. *Moción*. p. 1268.

se apresenta ainda especificamente como contrária a ela, questionando-a”<sup>198</sup>; os pensamentos que saem da desolação são diferentes dos pensamentos que saem da consolação, prevalecem não os pensamentos próprios, mas os que vem de fora: a pessoa se sente abandonada por Deus. Apesar de ser uma experiência essencialmente confusa, na desolação a pessoa poderá tirar algum proveito<sup>199</sup> se for bem vivida, refletida e compreendida. Bem mais, “a desolação é uma escola de formação e provação para cristãos adultos, um convite à maturidade espiritual”<sup>200</sup>.

Inácio não cria um conceito de consolação e de desolação. Ele fala a partir das suas experiências (experimenta-observa-descreve). Serviremo-nos de duas delas para ilustrar nossa fala a respeito da consolação e da desolação. Uma ocorrida em Manresa e iniciada enquanto se encontrava em um hospital deste vilarejo. Naquele momento

aconteceu-lhe ver, muitas vezes, mesmo em pleno dia, uma coisa no ar, perto dele, que lhe dava *muita consolação*, porque era muito bela, extremamente bela. Não distinguia bem que coisa fosse, mas lhe parecia que, de algum modo, tinha a forma de uma serpente, e que possuía muitas coisas, brilhando como olhos, embora não o fossem. Deleitava-se muito nisso e estava consolado pela visão dessa coisa. Quanto mais via, tanto mais crescia sua consolação. Quando essa coisa desaparecia, experimentava desprazer (Autob. 19)<sup>201</sup>.

Mais tarde Inácio se dará conta de que essa experiência que lhe proporcionava grande deleite não passava de uma consolação aparente. O seu componente enganoso veio às claras na experiência do Cardoner, depois de ter se colocado diante de uma cruz para dar graças a Deus. Aquela visão da coisa “muy hermosa”, que ele nunca tinha entendido muito bem lhe apareceu nesse momento. Contudo,

ele bem viu, estando junto à cruz, que esta coisa não tinha uma cor tão bonita como costumava e que era o demônio. E assim, daí em diante, com muita frequência e por longo tempo, ela continuava a lhe aparecer. Mas ele, em sinal de desprezo, a expulsava com um cajado que costumava ter na mão (Autob. 31)<sup>202</sup>.

A outra experiência se deu na época de estudos. Trata-se do deleite que o animava a colocar o pensamento em coisas espirituais enquanto estudava: “quando começava a decorar, como era preciso nos começos do estudo da

<sup>198</sup> GUILLEN, T. *Desolación*. p. 619. Tradução nossa.

<sup>199</sup> A desolação, em si, é uma situação negativa. Dessa maneira, o proveito que a pessoa poderá tirar desse estado espiritual é o “da graça de Deus que [...] [a] ajuda a lutar contra ela”. GONZÁLEZ-QUEVEDO, L. *Discernimento espiritual: As Regras inicianas*. p. 64.

<sup>200</sup> *Ibid.*, p. 61.

<sup>201</sup> Grifo nosso.

<sup>202</sup> Para uma interpretação mais aprofundada dessa experiência, cf. BEIRNAERT, Louis. *Expérience chrétienne et psychologie*. Paris: Éditions de l'Épi, 1964. p. 303-307.

gramática, vinham-lhe novas inteligências de coisas espirituais e novos gostos. E isto acontecia de tal modo que não podia decorar. Não conseguia repeli-los, embora lutasse muito contra eles” (Autob. 54). Na verdade, em si, pensamentos espirituais não garantem uma verdadeira consolação (cf. EE 332). Nesse caso específico tais inteligências desviavam Inácio do fim proposto, impedindo, assim, de se centrar nos estudos. Então, “*refletindo muito* sobre isto, dizia a si mesmo: ‘Não é quando me ponho a rezar ou vou à Missa que me vêm essas inteligências tão vivas’. Assim chegou, pouco a pouco, a reconhecer que se tratava de uma tentação” (Autob. 55)<sup>203</sup>. Pôde, dessa maneira, depois, empreender seus estudos com mais seriedade e dedicação.

Como dissemos acima, através das suas experiências de consolação e desolação Santo Inácio vai descobrindo a verdade das moções e se aprimorando no discernimento da vontade de Deus. Ou seja, vai conhecendo a sua possível referência causal (Deus/demônio) pela qualidade do fenômeno (alegria/tristeza ou deleite – entendido como falsa alegria ou alegria aparente) ou “por sua consistência no tempo, isto é, por aquilo que ocorra no interior uma vez que até tal ponto o pensamento cause o desaparecimento”<sup>204</sup>. Em si, tanto a consolação quanto a desolação são imperceptíveis. Dessa forma, são identificadas somente por meio dos seus efeitos e, às vezes, pelos sintomas emocionais (cf. Autob. 10).

O maior fruto da consolação espiritual para Inácio é o de “ajudar-nos a conhecer, sentir e cumprir a vontade de Deus”<sup>205</sup>. Ela traz consigo ânimo, disposição, força, alegria e grande liberdade interior. Na consolação o protagonista é o Espírito Santo<sup>206</sup>. Ele é o maior dom nesse estado espiritual (cf.

<sup>203</sup> Grifo nosso.

<sup>204</sup> GARCÍA DE CASTRO, J. Moción. p. 1266. Tradução nossa.

<sup>205</sup> GONZÁLEZ-QUEVEDO, L. *Discernimento espiritual: As Regras inacianas*. p. 37. A correspondência inaciana traz uma fórmula de despedida frequente na qual podemos identificar esse fruto de graça tão desejado por Santo Inácio: “que sintamos a santíssima vontade de Deus e a cumpramos inteiramente”. SAN IGNACIO DE LOYOLA. Cartas. In: SAN IGNACIO DE LOYOLA. *Obras completas*. Madrid: BAC, 1977. pp. 788-791.793-794.798.812-813.823-826.829-834.841-844.846-849.860-861.863-866[Epp.54.55.57.62.68.72-74.77-78.81-82.85.87.89-90, por exemplo].

<sup>206</sup> A mensagem do Papa Francisco no Angelus do segundo domingo do Advento (2014) traz uma primorosa reflexão a respeito da consolação: “Deixemo-nos consolar por Deus”, disse o Papa. Em outro momento o Papa exortou: “É curioso, mas muitas vezes temos medo da consolação, de sermos consolados. Na verdade, nos sentimos mais confiantes na tristeza e na desolação. Sabem por quê? Porque na tristeza nos sentimos protagonistas. Enquanto que na consolação é o Espírito Santo o protagonista”. Vale a pena conferir na íntegra a mensagem que se encontra disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/it/events/event.dir.html/content/vaticanevents/it/2014/12/7/angelus.html>. Último acesso: 11-12-2014.

At 9, 31). Já na desolação, González-Quevedo, fazendo referência a André de Jaer, aponta três frutos:

*apelo à conversão*. Isso cabe especialmente quando a desolação tem por causa nossa preguiça ou nossa negligência espiritual. O segundo fruto é a *descoberta realista de nossa fraqueza*. ‘A desolação me faz experimentar uma verdade escondida aos meus olhos: por mim mesmo sou impotente. Renuncio assim à presunção e aprendo a experimentar a sabedoria da esperança colocada só em Deus’<sup>207</sup>. [...] O terceiro [...] é a *humildade*. Na consolação, corremos o risco de superestimar as nossas forças e de nos apropriar delas. Na desolação, Deus nos mostra que a consolação espiritual não é conquista nossa, mas dom e graça de Deus Nosso Senhor<sup>208</sup>.

Além de conhecer os frutos da consolação e da desolação, é possível, ainda, classificá-las, identificando, dessa maneira, as suas causas.

Na nona regra de discernimento dos espíritos da primeira semana dos Exercícios Espirituais Inácio aponta as principais causas da desolação espiritual. Dessa maneira, podemos ficar desolados por causa da nossa tibieza, preguiça ou negligência “em nossos *Exercícios* espirituais, e assim a consolação espiritual se afasta de nós por nossas faltas” (EE 322). A segunda causa é de tipo pedagógico. A desolação surge para percebermos “o quanto valem e progredimos no [...] divino serviço [...], sem tanta recompensa de consolações e maiores graças” (EE 322). Por fim, a terceira causa principal porque ficamos desolados é para que reconheçamos que todo bem que nos acontece vem de Deus. Provoca em nós certa lucidez “a fim de que sintamos internamente não estar em nós termos grande devoção, intenso amor, lágrimas ou qualquer outra consolação espiritual, mas que tudo é dom e graça de Deus” (EE 322)<sup>209</sup>. Pelas suas causas podemos, dessa forma, classificar a desolação em: *desolação com causa aparente* e *desolação sem causa aparente*. Aquela está relacionada com a primeira causa e esta com a segunda e terceira causa as quais sugerem uma “desolação educativa”, para que Deus seja amado e servido por si mesmo, não pelo que Ele nos dá.

Em Manresa começa propriamente o período de provações de Inácio. O grande estado de alegria que prevalecia até então foi dando lugar às “grandes alternâncias em sua alma, encontrando-se à vezes num tal torpor que não

<sup>207</sup> JAER, André de. *Du bon usage de la désolation. Notes et Pratiques Ignatiennes*, n. 28, p. 8, jul. 1991. Tradução do autor. Apud. GONZÁLEZ-QUEVEDO, Luís. *Discernimento espiritual: As Regras inicianas*. São Paulo: Loyola, 2013. p. 65.

<sup>208</sup> GONZÁLEZ-QUEVEDO, L. *Discernimento espiritual: As Regras inicianas*. p. 65.

<sup>209</sup> Apontando as causas podemos perceber a estreita relação com os frutos da desolação acima mencionados.

encontrava gosto em dizer orações ou assistir à missa, nem qualquer oração que fizesse” (Autob. 21). Era uma espécie de *desolação sem causa aparente*. O contrário também acontecia: “parecia-lhe que a tristeza e a desolação lhe tinham sido tiradas como uma capa que se tira dos ombros de uma pessoa” (Autob. 21). Era uma espécie de *consolação sem causa aparente*, que falaremos mais adiante. Tais alternâncias assustavam Inácio, era um novo caminho que começara a ser experimentado.

Nessa época, Inácio também experimentou outro tipo de desolação. Aconteceu que mesmo perseverando na confissão e eucaristia semanais e tendo feito uma boa confissão geral em Montserrat, carregava uma sensação de que não tinha confessado certas coisas, isto lhe causava muitos tormentos e aflições. Mesmo tendo procurado ajuda e sabendo que lhe faziam mal, sutilmente os escrúpulos ainda resistiam, de modo que ele não podia controlar por si mesmo.

A tortura durou vários meses. Inácio, inclusive, chegou ao ponto de querer se suicidar, mas rapidamente mudou de ideia (cf. Autob. 24). Rezava e implorava a Deus para que lhe mostrasse o remédio para tais escrúpulos; fizera também jejuns e promessas, mas nada mudou. Um dia, porém,

estando em oração, começou a se lembrar dos seus pecados. Como uma coisa puxasse outra, ele ia da lembrança de um pecado a outro pecado dos tempos passados, e lhe parecia estar obrigado a confessá-los de novo. No entanto, no final desses pensamentos lhe vinham certos desgostos da vida que levava e grandes vontades de abandoná-la. E então *o Senhor quis que ele acordasse como de um sonho* (Autob. 24)<sup>210</sup>.

Pôs-se, então, a considerar essa mudança interior e chegou ao discernimento de que a misericórdia de Deus o havia alcançado, libertando-o dos escrúpulos. Foi, então, que ele tomou a firme decisão de não mais confessar seus pecados passados. A repentinidade do acontecimento e a conclusão final de Inácio de que só Deus pôs fim à sua aflição, sem nenhum outro meio, nos leva ao entendimento de que tenha sido uma *consolação sem causa precedente* (cf. EE 330)<sup>211</sup>.

Inácio, mesmo em desolação, perseverava no seu regulamento de vida e nos seus exercícios espirituais (cf. Autob. 21.23.25.27). Esse é um dos seus ensinamentos sobre o modo de proceder na desolação: não fazer mudança. A prudência de Inácio estimula a “permanecer firme e constante nos propósitos e

<sup>210</sup> Grifo nosso.

<sup>211</sup> DHÔTEL, J-C. Nota 14. p. 46.

determinações em que estava no dia anterior a tal desolação, ou na determinação que estava na consolação precedente” (EE 318) para que não se corra o risco de errar o caminho, pois na desolação mais no guia o mau espírito e na consolação o bom espírito. Parece mesmo loucura tomar decisões com a “cabeça quente”. Outro conselho dado por Inácio é o de reagir contra a desolação como, por exemplo, “insistir mais na oração, meditação e em examinar-se muito, bem como nos dedicarmos mais a alguma penitência conveniente” (EE 319)<sup>212</sup>. Assim, o “não fazer mudança” não significa mera eupatia diante da situação. Como diz González-Quevedo, “nada mais alheio à espiritualidade inaciana do que a passividade conformista”<sup>213</sup>. Na luta contra a desolação é verdade que a pessoa tem o sentimento de que Deus está ausente, contudo, na terceira dica Inácio diz que é importante considerar “como o Senhor, [...], lhe deixou o uso de suas potências naturais para que [a pessoa] resista às várias agitações e tentações do inimigo, pois pode fazê-lo pelo auxílio divino que nunca lhe falta...” (EE 320). Deus sempre nos dá graça suficiente e nunca nos abandona. Ter paciência diligente (apoiada em Deus) é o quarto conselho dado por Inácio para combater a desolação; não há desolação que dure para sempre (cf. EE 321). Santa Teresa de Jesus na sua conhecida poesia *Eficacia de la Paciencia* nos transmite o mesmo ensinamento: “Tudo a paciência por fim alcança. Quem a Deus tenha, nada lhe falta, pois só Deus basta”<sup>214</sup>. Associado ao quarto conselho Santo Inácio nos ensina, por fim, que na desolação é preciso manter a esperança. Nesses tempos o inimigo possivelmente nos sugerirá pensamentos depressivos e fatalistas, com o intuito de nos levar ao desespero. A esperança em Deus, que não decepciona<sup>215</sup>, nos ajudará a resistir a estas sugestões e a superar dificuldades aparentemente insuperáveis (cf. EE 324). O modo inaciano de proceder na desolação nos leva ao entendimento de que esta deve ser vivida de maneira ativa, não voluntarista; esperar e confiar em Deus diligentemente, atento aos apelos e sugestões do

<sup>212</sup> A 13ª anotação (EE 13) transmite a mesma ideia: “no tempo da consolação é fácil e leve estar em contemplação a hora inteira, e muito difícil completá-la no tempo da desolação. Para agir contra a desolação e vencer as tentações, quem se exercita deve sempre permanecer na contemplação algum tempo além da hora completa, para acostumar-se a resistir ao adversário, e mais ainda a derrotá-lo”. Cf. ainda EE 16.157.325.350-351 sobre a tática do “agir contra”.

<sup>213</sup> GONZÁLEZ-QUEVEDO, L. *Discernimento espiritual: As Regras inacianas*. p. 60.

<sup>214</sup> SANTA TERESA DE JESUS. Poesia IX. In: *Escritos de Teresa de Ávila*. São Paulo: Ed. Carmelitanas; Loyola, 2001. p. 981.

<sup>215</sup> Cf. Rm 5, 1-5; Fl 4, 11-13.

Espírito Santo, pois Ele nos dará a criatividade necessária para atravessar esse período de provações.

No caso da consolação espiritual, ela também pode ser de dois tipos: *com causa precedente* e *sem causa precedente*. Duas experiências de Inácio mencionadas acima serviram para demonstrar tanto a desolação quanto a consolação sem causa; mais experiências inacianas nos ajudarão nesta tarefa nominativa.

Nos começos de sua conversão Inácio de Loyola tivera uma experiência bastante conhecida e que se tornou o cume das consolações do santo basco, foi “a iluminação do Cardoner”. Essa experiência se deu em Manresa quando Inácio decidira ir a uma capelinha. No caminho que ia junto ao rio Cardoner, ele fez uma parada. Sentou-se, então, com o rosto voltado para este rio. Foi, então, que “os olhos do seu entendimento começaram a se abrir. Não que lhe viesse alguma visão, mas ele compreendeu e conheceu numerosas coisas, tanto espirituais como coisas que dizem respeito à fé e às letras” (Autob. 30). Esta experiência causou uma grande claridade em seu entendimento, pois que “em todo o correr de sua vida, até os sessenta e dois anos completos, se ele reunisse todas as numerosas ajudas que recebeu de Deus e todas as numerosas coisas que aprendeu, não lhe parecia ter recebido tanto quanto daquela única vez” (Autob. 30). Inácio sentiu muita consolação nessa experiência, que persistiu por um bom momento. No vocabulário inaciano se diz que ele teve uma *consolação sem causa aparente*. Quer dizer, essa consolação acontece “quando não há nenhum prévio sentimento e conhecimento pelo qual venha essa consolação, por meio dos atos de entendimento e vontade da pessoa” (EE 330)<sup>216</sup>.

A consolação com causa pode ser provocada tanto pelo bom quanto pelo mau espírito (falsa consolação). Exemplos de consolações causadas pelo mau espírito na vida de Santo Inácio são aquelas ocorridas com a coisa “muy hermosa” e na época de estudos em Barcelona<sup>217</sup>. Na quarta regra de discernimento dos espíritos mais condizentes com a segunda semana, Inácio diz que

<sup>216</sup> A *consolação com causa precedente* é aquela “quando Deus se comunica com a criatura com a ajuda de uma mediação (algum objeto ou sentimento)”. A *consolação sem causa precedente* é aquela “quando Deus atua na pessoa imediatamente, sem mediação das criaturas”. WERNER, C. Nota 281. p. 125. Cf. ainda EE 15.

<sup>217</sup> Cf. p. 87 e 88 do nosso texto.

é próprio do mau anjo, assumindo a aparência de anjo da luz, introduzir-se junto à pessoa devota para tirar vantagem própria. Isto é, sugerir pensamentos bons e santos, conforme a esta pessoa justa, e depois, pouco a pouco, procurar sair com a sua, atraindo-a para seus enganos escondidos e perversas intenções (EE 332).

O bom espírito sempre age em favor da pessoa enquanto que a intenção do mau espírito é contrária.

Inácio dizia sentir muita consolação ao contemplar o céu e as estrelas, pois sentia um grande impulso em servir a Deus, Nosso Senhor (cf. Autob. 11)<sup>218</sup>. Assim também aconteceu quando avistou a cidade de Jerusalém (cf. Autob. 44-45) e quando na capelinha de La Storta rezava fervorosamente<sup>219</sup>. Estes são alguns exemplos de consolações com causa precedente na vida de Santo Inácio de Loyola.

Na consolação Inácio também dá dicas de como proceder: deve-se exercitar a humildade. Pois se o curso dos pensamentos vai bem é por puro dom e graça de Deus. A aceitação desapropriada da consolação gera gratidão. Essa virtude aponta, na realidade, a qualidade de nossas experiências espirituais<sup>220</sup>. Ele aconselha ainda que a pessoa reflita sobre como agir quando estiver na desolação. É um momento propício para renovar as forças (cf. EE 323-324).

A forma como Inácio de Loyola fala da consolação e da desolação espiritual é única na espiritualidade cristã. Dar atenção ao que ocorre no interior humano, buscando interpretar os movimentos que lhe são próprios se tornou para ele critério de discernimento. Se no começo de sua vida espiritual ele se assustava com as alternâncias em sua alma, depois a cotidianidade das suas experiências o levou a compreensão cada vez melhor do mundo espiritual e, conseqüentemente, a uma fé mais madura e consciente. De fato, esta análise

do mundo dos movimentos internos é condição prévia e necessária para uma tomada de decisão que deseje fazer a vontade de Deus. Conhecendo e interpretando a linguagem das moções se pode chegar a conhecer a vontade de Deus; esta é uma

<sup>218</sup> Cf. pp. 84-85.87 do nosso texto sobre os frutos da consolação.

<sup>219</sup> Foi nesse lugar, a alguns quilômetros de Roma, que Inácio alcançou a graça tão pedida por ele a Nossa Senhora: que o pusesse com seu Filho Jesus. Cf. Autob. 96.

<sup>220</sup> Santa Teresa de Jesus no seu livro *Caminho de Perfeição* dedica quatro capítulos para falar da importância da humildade na vida espiritual cristã. Cf. SANTA TERESA DE JESUS. *Caminho de Perfeição*. pp. 85-105. Aproveitamos para destacar algumas falas da santa de Ávila presentes nestas linhas primorosas: “Sabeis perfeitamente, meu sumo bem, que se tenho alguma coisa boa, não a recebi de outras mãos senão das vossas” (C 15, 5). “que fazemos, Senhor, por vós, nosso Criador? Apenas um acanhado propósito, nada, a bem dizer. Se com esse nada quer Sua Majestade que mereçamos o tudo, não cometamos a loucura de não lhe dar atenção” (C 16, 10). “Conhecer o melhor modo de praticar seriamente a humildade é de grande vantagem” (C 17, 1). “Deixai plena liberdade de ação ao Senhor que é o dono da casa” (C 17, 7). “Assim, os contemplativos hão de levar erguida a bandeira da humildade...” (C 18, 6).

das grandes contribuições da experiência e sistemática inaciana à história da espiritualidade cristã<sup>221</sup>.

Inácio anotava aquilo que pudesse ser útil às pessoas, tudo para a maior glória e serviço de Deus. Uma forte experiência pessoal apostólica que, por vezes, desafiava teorias teológicas da época (cf. EE 15; Autob. 64-70. 77-78. 81), não que fosse sua intenção. A sua prudência, que não descartou nem os excessos dos primeiros anos de conversão, forma uma espiritualidade mais humana e pessoal, acessível e sempre voltada ao outro (cf. Autob. 85): a consolação não deve ser buscada em si mesma, mas deve ser meio para a busca e encontro da vontade divina, essa força que recebemos de Deus deve nos conduzir para um agir efetivo em prol da construção de um mundo melhor; e a desolação, apesar de ser considerada um estado negativo, não deve ser descartada em si mesma, pois ela é uma escola de formação humano-espiritual quando bem vivida e compreendida. Vimos acima os inúmeros frutos que podemos recolher da desolação. Finalmente, para Inácio, tanto uma quanto a outra são ensinamentos que o Senhor dá ou permite. Lembremo-nos: “a consolação é puro dom de Deus. Já a desolação não procede do Senhor, mas Ele a permite”<sup>222</sup>.

Santo Inácio de Loyola ampliou o sentido da vida espiritual, resgatando-a dos muros intelectuais e trazendo-a para a vida cotidiana: Deus se revela para todos os seres humanos. Ele colabora para que homens e mulheres não passem inconscientes pela vida, mas atentos ao que sentem e intuem, estimula para que caminhem com lucidez, coragem e discernimento. Por último, discernir moção-consolação e moção-desolação é um jeito novo de ordenar a própria vida para Deus.

#### **4.1.2. Discernindo no interior dos EE – segundo tempo de eleição**

Concluimos o nosso ponto anterior dizendo, entre outras coisas, que a consolação não é um fim que se deva buscar por si mesmo, mas *meio* privilegiado que nos conduz para os outros e para o Outro. Isso significa que todo o processo de discernimento é apostólico, devendo nos conduzir para “a glória de Deus e o

<sup>221</sup> GARCÍA DE CASTRO, J. Moción. p. 1267. Tradução nossa.

<sup>222</sup> GONZÁLEZ-QUEVEDO, L. *Discernimento espiritual: As Regras inacianas*. p. 66.

bem das pessoas”<sup>223</sup>. No interior dos Exercícios Espirituais Santo Inácio desenvolve esse processo que deve desembocar numa escolha-compromisso ou eleição. Bem dizendo, o processo de discernimento é um processo de eleição: busca e encontro concreto da vontade de Deus.

Segundo Kövecses para bem discernir a origem das moções

devemos valer-nos sempre de dois critérios: o objetivo e o subjetivo, os quais, na realidade, devem coincidir. O *critério objetivo* consiste em valores verificáveis pelos outros; o *critério subjetivo* considera a situação afetiva da pessoa, sua orientação pessoal: só ela mesma pode empregar este critério. Em cada critério há três elementos básicos (início-meio-fim). Se faltar um só desses elementos, ou se não houver interação entre os dois critérios, não podemos ter segurança na decisão<sup>224</sup>.

Assim, no processo de eleição as moções devem ser atentamente observadas e discernidas, integrando os elementos e os critérios que lhe são próprios. Inácio aconselha que:

se o princípio, o meio e o fim é inteiramente bom, inclinado a todo bem, este é sinal do bom anjo. Mas se o curso dos pensamentos termina em alguma coisa má, ou que distrai, ou menos boa do que a pessoa se havia proposto a fazer, ou a enfraquece, inquieta, ou perturba, tirando-lhe a paz, tranquilidade e quietude, que antes tinha, é sinal claro de que procede do mau espírito, inimigo do nosso proveito e salvação eterna (EE 333).

Vimos que em tempos de desolação não se deve fazer mudança ou tomar decisão, pois mais nos guia e aconselha o mau espírito. O exercitante deve estar atento a atuação dos diversos espíritos durante o retiro, pois a eleição deve acontecer em um tempo tranquilo, de paz, no qual a pessoa sente a intervenção/iniciativa divina e se compromete. Além disso, no processo não deve haver confusão entre o fim e os meios<sup>225</sup>; o olhar do exercitante deve ser reto e qualquer coisa que ele escolha deve ser em vista do fim para o qual é criado: o louvor de Deus e a sua salvação<sup>226</sup>.

<sup>223</sup> WERNER, C. Nota 284. p. 126.

<sup>224</sup> KÖVECSES, G. Nota 284. p. 126. Cf. CUSTÓDIO FILHO, S. *Exercícios na vida cotidiana* (EVC). p. 65.

<sup>225</sup> Costuma-se inverter a ordem do processo. Por exemplo, “muitos, [...], escolhem primeiro casar-se – o que é meio – e, em segundo lugar, servir a Deus nosso Senhor no casamento – o que é fim. Há também outros que querem, primeiramente, ter posições rendosas, e, depois, servir a Deus nelas. Deste modo, eles não vão diretamente a Deus, mas querem que Deus venha diretamente às suas afeições desordenadas” (EE 169).

<sup>226</sup> Cf. EE 23.169.

Santo Inácio fala de três momentos ou tempos diferentes em que se faz sadia e boa eleição. Nosso interesse será apenas pelo segundo tempo de eleição o qual envolve o confronto das moções<sup>227</sup>. Nesse tempo, “a pessoa chega a bastante clareza e conhecimento pela *experiência de consolações e desolações*, e pela experiência do discernimento de vários espíritos” (EE 176).

Veja-se. Nesse tempo, dois elementos são essenciais: o jogo de consolações e desolações e as agitações dos diversos espíritos sobre os quais atua o discernimento para iluminá-los e diferenciá-los<sup>228</sup>. Sendo assim, no processo dos Exercícios Espirituais, o exercitante deverá passar por experiências de consolações e desolações e sofrer agitações dos diversos espíritos. Se quem dá os Exercícios percebe a ausência desses movimentos interiores, deve interrogar muito a pessoa que os faz ou esclarecê-la sobre a existência de moções (cf. EE 6)<sup>229</sup>.

O itinerário proposto por Inácio nos EE é propício para que o exercitante vivencie tais experiências, recolha os elementos, discirna e eleja: as contemplações dos mistérios da vida de Cristo; a meditação das duas bandeiras (cf. EE136-148) e dos três tipos de pessoas (cf. EE 149-163); a consideração dos três modos de humildade (cf. EE 164-168); o exame de consciência; a repetição dos exercícios; a aplicação dos sentidos etc.

Das experiências de consolação (e desolação) no interior dos EE surgem os desejos e, por sua vez, os propósitos e determinações. Sampaio diz, por exemplo, que “a *recorrência* de uma inclinação interior para a pobreza, nascida do *desejo* de assemelhar-se mais a Cristo, e *acompanhada* de uma paz mais forte que o

<sup>227</sup> O primeiro tempo de eleição se dá pela consolação sem causa. A segurança que provém desta experiência é tamanha que a pessoa não duvida nem pode duvidar da ação de Deus, comprometendo-se. É um tipo de eleição não muito frequente (cf. EE 175.330.336). No terceiro tempo de eleição há ausência de graças especiais e significativas. Nesse tempo tranquilo “a pessoa não se encontra agitada por vários espíritos, podendo usar suas faculdades livre e serenamente” (EE 177) para o louvor de Deus e sua salvação. Esse terceiro tipo de eleição “é o da razão humana iluminada pela fé. [...]. É uma análise tranquila dos diversos elementos objetivos e da situação concreta subjetiva”. WERNER, C. Nota 179. p. 74. Cf. EE 178-188. Sobre os três tempos de eleição nos EE conferir ainda SAMPAIO COSTA, Alfredo. *Elección*. pp. 776-779.

<sup>228</sup> Cf. SAMPAIO, Alfredo. *Los tiempos de elección en los Directorios de Ejercicios*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2004. p. 146.

<sup>229</sup> SAMPAIO fala que “uma das razões pelas quais tantos recorrem ao terceiro tempo sem insistir o nem sequer tentar o segundo, é que lhes falta experiência no conhecimento das moções e de seu discernimento”. SAMPAIO, Alfredo. *Los tiempos de elección en los Directorios de Ejercicios*. p. 152. Tradução nossa. Cf. ainda HERNÁNDEZ GARCÍA, Eusebio. *La elección en los Ejercicios de San Ignacio*. MiCo 25, 1956. p. 136, sobre insistir com Deus para alcançar mais clareza sobre o discernimento das moções caso a pessoa não chegue a uma eleição no segundo tempo. Se com tudo isso as luzes não vêm, que se recorra ao terceiro tempo.

medo, pode ser sinal de um chamado de Deus”<sup>230</sup>. Visto de outro modo, mais uma vez dizemos que os sentimentos interiores não devem ser fim em si mesmo, pois não devem ser considerados individualmente. O exercitante deverá ficar atento às repetições ou às sucessões dos mesmos, bem como aos efeitos (paz ou inquietação) que provocam na alma<sup>231</sup>. Mais outro meio da pedagogia inaciana favorável a um autêntico processo de discernimento. É uma observação que deve ser cabal ao exercitante (cf. EE 313). A eleição, portanto, integra todo o conjunto do retiro inaciano.

Experienciando os meios indicados por Inácio no retiro, a pessoa deve buscar luz para discernir o jogo dos sentimentos, os quais são vários e lutam entre si com frequência, que ocorrem na marcha ordinária de cada exercício.

O primeiro passo do discernimento é a *observação das moções*: saber que existem; tomar consciência de que me afetam interiormente<sup>232</sup> para conhecer os seus efeitos. Sampaio diz que essa observação deve ser “qualitativa”. Ou seja, não se trata da “busca das euforias ou das depressões, mas de uma reflexão orientada”<sup>233</sup> para o descobrimento da vontade de Deus pelos Exercícios Espirituais.

O segundo é a *classificação das moções*. Isto é, saber distinguir moção-consolação de moção-desolação (com suas subclassificações: com causa ou sem causa aparente) e dar-se conta do que cada uma suscita.

Finalmente, o terceiro passo é a *interpretação das moções*, o qual, a partir das moções já diferenciadas, “consiste em estabelecer o significado ou o valor religioso das moções”<sup>234</sup>. As consolações manifestam o convite de Deus e as desolações, pelo contrário, insinuações diabólicas. No livro dos Exercícios, Inácio desenvolve um conjunto de regras<sup>235</sup>, a partir das quais as moções devem ser examinadas: sua origem, seu modo de atuar etc. Portanto, apesar do caráter afetivo

<sup>230</sup> SAMPAIO, A., op. cit., p. 147. Tradução e grifo nossos.

<sup>231</sup> Cf. JUANES, Benigno. *La elección según el segundo y el tercer tiempo*. Roma: CIS, 1980. p. 92, sobre a pedagogia inaciana das repetições. Apud. SAMPAIO, A. *Los tiempos de elección en los Directorios de Ejercicios*. p. 147.

<sup>232</sup> Inácio fala das repetições, dos resumos e dos exames da oração para ajudar ainda mais o exercitante na observação das moções. A disponibilidade e a sensibilidade de quem faz o retiro devem ser cada vez maiores no que diz respeito ao mundo interior. Cf. EE 62.64.73.

<sup>233</sup> SAMPAIO, A. *Los tiempos de elección en los Directorios de Ejercicios*. p. 149. Tradução nossa. Para um estudo antropológico das moções cf. FONT, Jordi. Desolación – A. In: GARCÍA DE CASTRO, José (Dir.). *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007. pp. 610-615.

<sup>234</sup> *Ibid.*, p. 149. Tradução nossa.

<sup>235</sup> *Regras de discernimento dos espíritos* (EE 313-336) já desenvolvidas por nós no item 4.1.1.

do segundo tempo de eleição, não se deve excluir a atividade da razão, mais cogitada no terceiro tempo. A importância capital que Santo Inácio dá aos sentimentos e intuições interiores não desperta a da razão em nenhum momento, o contrário também acontece. Mais uma vez recordamos que os impulsos interiores não são fins em si mesmos e mais, “o discernimento se faz com mais clareza e segurança se levarmos em consideração a experiência total”<sup>236</sup>. Além do que o uso das regras ajuda o exercitante a não interpretar as moções e as desolações de maneira acrítica; nessas regras existem “todos os critérios seguros [...] para conhecer a verdade, principalmente em coisas divinas”<sup>237</sup>. Inácio fala ainda da importância de compartilhar as experiências do retiro com um acompanhador que tenha familiaridade com a pedagogia dos Exercícios<sup>238</sup>, pois “ao confrontar sua oração com o Diretor é onde o exercitante pode descobrir e seguir o processo que se desenvolve em seu interior”<sup>239</sup>. Ademais, um aspecto incompatível com a pedagogia inaciana dos EE é a precipitação. Se o intuito é fazer boa e sadia eleição, esta não pode ser irrefletida, alienante nem forçada. O Espírito Santo é o maior protagonista de todo o processo de discernimento, deve haver com ele uma parceria tanto da parte de quem faz os Exercícios quanto da parte da pessoa que os dá.

Nesse segundo tempo de eleição se trata, enfim, “de interpretar as moções internas a partir do nível autenticamente inaciano: *o nível da fé*, o nível cristão”<sup>240</sup>. Apesar de Inácio não descartar outras possibilidades humanas de interpretação da realidade, para decidir neste tempo o exercitante precisa comungar com os pensamentos de Jesus para como Ele conformar-se com a vontade do Pai<sup>241</sup>. O trato de amizade com Jesus não pode ser escusado.

Vimos que a eleição elabora-se gradualmente e no instante divino em que a pessoa se sente tocada pelo Espírito Santo, compreendendo a vontade de Deus a

<sup>236</sup> LIBÂNIO, J. B. *Discernimento espiritual*. p. 163.

<sup>237</sup> CASANOVAS, Ignacio. Inácio, modelo de las elecciones. In: *Comentario y Explanación de los Ejercicios Espirituales de San Ignacio de Loyola*. Barcelona: Balmes, 1954. p. 476. Tradução nossa. Apud. SAMPAIO, A. *Los tiempos de elección en los Directorios de Ejercicios*. p. 150.

<sup>238</sup> Cf. EE 6-10.12.14-15. Ao que dá os Exercícios cabe a tarefa de animar, aconselhar, exortar quem os faz, sempre respeitando “muito à condição peculiar da pessoa” (EE 14). Em humilde paciência não deve adiantar-se ao Espírito, deixando “o Criador agir imediatamente com a criatura e a criatura com seu Criador e Senhor” (EE 15).

<sup>239</sup> SAMPAIO, A. *Los tiempos de elección en los Directorios de Ejercicios*. p. 151. Tradução nossa.

<sup>240</sup> *Ibid.*, p. 150. Tradução nossa.

<sup>241</sup> Cf. Jo 4, 34; Lc 39, 42.

seu respeito na matéria em questão, depois de ter discernido, acontece a eleição, concretização da vontade de Deus. E é assim, portanto, que Deus nos faz ir vendo a sua vontade pela experiência de consolações e desolações.

Com tudo isso, certamente, o grau de certeza pode variar muito, pois na eleição também está presente o risco próprio das decisões humanas.

## 4.2. Discernimento na vida cotidiana

Pudemos perceber que a eleição é um momento central e decisivo dos EE, “mas não seu ponto culminante. Só a vida poderá oferecer um conteúdo efetivo ao seguimento [de Jesus]”<sup>242</sup>. A peregrinação espiritual continua, a eleição deve ser confrontada com a vida. Portanto, o discernimento da vontade de Deus não acaba no retiro, mas prossegue na cotidianidade com seus desafios e lutas; tudo é cenário para o discernimento. A criação divina acontece todos os dias na vida pessoal de cada ser humano e na História, nos solicitando uma resposta.

Passar pela experiência dos Exercícios nos ajuda a olhar a realidade com mais afinco, consciência, liberdade, responsabilidade e a fazer boas escolhas, querendo e desejando somente o que mais nos conduz ao fim para o qual somos criados.

Santo Inácio nos ensina que podemos *encontrar a Deus em todas as coisas*. Ele não está confinado entre as paredes de uma igreja ou alojado em uma determinada religião. Assim, a missão de ser cristão no mundo pode se dar de várias maneiras e em diversos lugares sem criar condições especiais para tal, o cristão é cristão a partir do que ele é e de onde se encontra. Se para Inácio nenhuma decisão é considerada um assunto neutro, tudo na nossa vida deve ser levado em conta: família, faculdade, amigos, vida de oração, sofrimento, alegria, a cultura, a natureza etc. E nesse dinamismo o amor deverá ser o maior critério de discernimento, que é o que Inácio nos ensina o tempo inteiro: “a amar e a aceitar o amor”<sup>243</sup>.

<sup>242</sup> CUSTÓDIO FILHO, S. *Exercícios na vida cotidiana* (EVC). p. 65. Cf. ainda WERNER, C. Nota 168. p. 71.

<sup>243</sup> MARTIN, James. *A sabedoria dos jesuítas para (quase) tudo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2012. p. 7.

Discernir a presença de Deus naquilo que vivemos nos ajuda a formular outro aspecto importante. O discernimento inaciano nos estimula a sermos *contemplativos na ação*. Ou seja, pessoas ativas que não desconsideram, contudo, a vida no Espírito de Deus. Com o ritmo de nossa época nem sempre conseguimos fazer uma pausa para as nossas orações, mas, se tomarmos consciência “do mundo ao nosso redor, é possível obter um enfoque contemplativo que dê mais qualidade às nossas ações. Em vez de enxergar a vida espiritual como algo que só pode existir na clausura de um mosteiro, Inácio pede que você enxergue o mundo como o seu mosteiro”<sup>244</sup>.

Esse discernimento, conseqüentemente, compreende uma *espiritualidade encarnada*. Deus que se fez humano, na pessoa de Jesus Cristo, não poderia, na verdade, concordar com uma espiritualidade desprendida desse mundo que seria, a propósito, alienante e desumana. A espiritualidade encarnada não nos tira do real, pois é nele que passamos por experiências de consolação e desolação. Santo Inácio não desconsiderava nem os excessos dos primeiros anos de sua conversão. Ele compreendeu que Deus se aproveita de tudo, em tudo e em todos pode ser encontrado. São Francisco de Assis olhava a natureza de tal forma como manifestação de Deus que chamava os elementos que a compunham de irmão/irmã (irmão Sol; irmã Lua). Santo Inácio sentia consolação quando contemplava o céu e as estrelas e Santa Teresa de Ávila encontrava a Deus em meio às panelas! Deus não está em algum lugar desconhecido, mas aqui e agora, na nossa cotidianidade. Uma espiritualidade encarnada preenche a vida de sentido, já que tudo pode ser meio para a manifestação de Deus. É verdade que não podemos compreender Deus, muito menos identificá-Lo com alguma coisa, mas Inácio captou que o Deus de Jesus Cristo é um Deus próximo e que está presente em nossas vidas, atuando junto conosco por um mundo mais humano. O discernimento aparece como elemento de equilíbrio que nos ajuda a recolher desse *tudo* a vontade de Deus para nós.

O discernimento inaciano, que continua na vida, diz respeito, por fim, a geração de homens e mulheres *livres, alegres e desapegados* de tudo que possa desviá-los do caminho proposto por Deus. O ser humano “deve usar das coisas tanto quanto o ajudam para atingir o seu fim, e deve privar-se delas tanto quanto o

---

<sup>244</sup> Ibid., p. 13.

impedem” (EE 23). Grande parte do livro dos Exercícios “foi produzida para ajudar as pessoas a encontrar a liberdade de tomar boas decisões”<sup>245</sup>. Uma verdadeira escola de formação humano-espiritual para conduzir o ser humano ao caminho da felicidade com Deus. A liberdade é um exercício de desapego<sup>246</sup> e um olhar para o que realmente importa na vida, não sacrificando o fim em vista dos meios. O discernimento acontece quando estamos dispostos a abraçar o melhor caminho que o Espírito nos inspira. A vida, com suas novidades e surpresas, é um fluir constante e sempre exigirá de nós uma tomada de decisões. Mais livres e felizes serão aqueles que souberem viver na criatividade do Espírito de Deus. A vida de Santo Inácio é um exemplo significativo “de que a vida é, antes de tudo, uma jornada do espírito”<sup>247</sup>.

Em resumo, o discernimento na vida diária nada mais é do que um exercício constante de atenção aos movimentos que nos trazem paz. Isso não quer dizer que boas escolhas também não tenham tropeços ou inconvenientes. Somos seres condicionados, imperfeitos, limitados em todas as dimensões de nossa vida. A propósito, aceitar essa realidade é imprescindível ao discernimento, pois nos aponta Àquele que é ilimitado e perfeito, sentido do nosso *sim*. Deus deseja que façamos escolhas que nos tornem mais humanos. Por isso, sempre que precisarmos discernir lembremo-nos de que não estamos sozinhos, Ele está conosco, é o protagonista de todo esse processo.

---

<sup>245</sup> Ibid., p. 13.

<sup>246</sup> Sobre os prejuízos causados pelo apego, a sábia Teresa de Ávila dizia: “Asseguro-vos que, se eu fosse dizer a todos os prejuízos que trazem consigo os apegos humanos, muito me alargaria” (C 9, 4).

<sup>247</sup> MARTIN, J. *A sabedoria dos jesuítas para (quase) tudo*. p. 15.